



---

## **Gêneros jornalísticos no jornal Correio da Paraíba: os formatos, a informação e seus elementos**

Mateus Silomar Melo da SILVA<sup>1</sup>

Laerte CERQUEIRA<sup>2</sup>

Faculdade Maurício de Nassau, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

No jornalismo há uma diversidade de maneiras de organizar o conteúdo. O que permite o jornalista e o meio modelar a informação de acordo com suas conveniências e preocupações, ligadas ao interesse do público e sua audiência. Os gêneros jornalísticos passaram por transformações ao longo dos anos. A dinâmica social, as novas exigências e demandas da sociedade, a evolução tecnológica colocaram velhos formatos e técnicas na berlinda. Informação, opinião e interpretação se juntam e se misturam para maioria do público, mas tentam se manter firme em alguns espaços, ao mesmo tempo que parecem viver em uma simbiose, em relação disforme. Nossa proposta é fazer um apanhado histórico desses gêneros e traçar uma pequena radiografia da presença dessas maneiras de tratar a informação no Jornal Correio da Paraíba, que tem a maior circulação do estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal da Paraíba; Jornalismo-brasileiro; Gênero-jornalístico.

### **INTRODUÇÃO**

Apesar das “teorias” que anunciam o fim dos jornais impressos, pesquisas mostram que brasileiros ainda têm o hábito de comprar o “jornalzinho” diário, ou fazem questão de destinar parte do orçamento com assinatura<sup>3</sup> de periódicos. Nessa plataforma, eles obtêm uma variedade de informações sobre esportes, cultura, política, economia, além de entretenimento (lazer), colunas sociais, artigos de opiniões e várias outras formas de estruturação das informações. É com esses recortes que o leitor fica informado de todos os acontecimentos.

---

<sup>1</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: mateusssilomar@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Doutorando em Comunicação pela UFPE. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: laertecerqueira@hotmail.com

<sup>3</sup> Segundo dados da ANJ (Associação Nacional de Jornais), a circulação nacional em Julho de 2011, obteve 8,651 milhões de exemplares/dia, com variação de 3,5 em relação ao ano de 2010- <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/circulacao-diaria/>



Mas, na prática, o consumidor de informação jornalística, pelo menos a maior parte, não faz muita distinção entre as várias maneiras que os assuntos são servidos num jornal. A sua busca é pelo conteúdo, seja informativo, interpretativo ou pela opinião do especialista. O olhar leitor, de maneira geral, trata o jornal como uma massa informativa com limites e divisas que não interferem no seu entendimento sobre o mundo. Ler um artigo de opinião, ou uma nota comentada, talvez, para esse leitor comum, tenha o mesmo efeito ler uma reportagem especial sobre um assunto do seu interesse. A localização das estruturas no jornal, e o seu “desenho” textual é, muitas vezes, um detalhe diante da absorção natural da informação e de suas várias maneiras de se apresentar.

Nossa função aqui é justamente desestruturar, separar, fazer uma espécie de “radiografia” do jornal, dividindo as várias partes e maneiras que a informação é entregue ao leitor. Uma tentativa de entender e explicar que o periódico não é um grande bloco com informações soltas e disformes, mas um mosaico, no qual cada peça tem sua função, cada “instrumento de informação” tem seu papel sinfônico. Queremos revirar as estruturas, e conhecendo uma a uma, separadamente, recolocá-las em seus papéis de transformação social. Esse mosaico, que sustenta a informação nos veículos de comunicação, é entendido por estudiosos como a união de gêneros jornalísticos, e olhar para eles e suas diferenças nos ajuda a pensar, refletir sobre formatação e organização da prática jornalística. É uma maneira de desvendar como ideias são classificadas, delimitadas em sua função e método de exposição. Segundo Marques de Melo, o estudo do tema é importante para a configuração da identidade do jornalismo como objeto científico.

Definição de gênero vem desde a Grécia Antiga, há quase três mil anos, com a classificação proposta por Platão, baseada nas relações entre a literatura e realidade, dividindo o discurso em mimético, expositivo ou misto. E foi nessa área que a teoria dos gêneros adquiriu coerência, seja como agrupamento de obras por convenções estéticas ou como normatizadora das relações entre o autor, obra e leitor. Apesar das diversas mutações ao longo do tempo, como, por exemplo, poesia e prosa. (PENA, 2008, p.66)

Segundo Pena (2008), uma das primeiras tentativas de classificação dos gêneros jornalísticos foi elaborada por Samuel Buckeley, no início do século XVIII. Ele entendeu na sua observação que o conteúdo do jornal Daily Courant era dividido em news (notícias) e comments (comentários). A separação foi usada por muito tempo pelo



jornalistas para classificar a “massa informativa”, mas muitos estudos trouxeram novas classificações e subdivisões. Mas todas mantêm firme a relação informação x opinião (narração x argumentação) e, para algumas, há o entendimento que temos, nos periódicos, os gêneros explicativos e de entretenimento (Universidade de Navarra); e descritivo (Hector Borrat).

Para estruturar a sua proposta de gêneros, José Marques de Melo propõe os critérios como finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; estilo; modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; natureza do tema e topicalidade; e articulações interculturais (cultura). Nos seus estudos, ele cataloga as diferentes classificações dos gêneros pelo mundo, como exemplos, a classificação francesa do autor Joseph Foliet que se divide em editorial, artigos de fundo, crônica geral (resenhas dos acontecimentos), despachos (reportagens e entrevistas), cobertura setorial, fait divers, crônica especializada (crítica), folhetim, fotos e legendas, caricaturas, comics (quadrinhos) e a divisão da classificação norte-americanas do autor Fraser Bond: Noticiário, notícias, reportagem, entrevistas, história de interesse humano, página editorial, caricatura, coluna, crítica. (Pena, 2008)

No Brasil, os primeiros estudos sobre gênero consagraram duas classificações, a primeira de Luiz Beltrão que classifica o jornalismo em três gêneros: jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem), jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade) e jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor). A segunda é a de Marques de Melo que, na sua primeira pesquisa, minimiza em apenas dois gêneros: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha e coluna). (Melo, 1994)

No caso de Melo, uma nova pesquisa feita em 1985, o fez rever sua primeira classificação e é baseada nessa nova divisão dos gêneros que faremos nossa análise. Segundo o autor Marques de Melo, temos: Jornalismo informativo: Nota, notícia, reportagem, entrevista. Jornalismo Opinativo: Editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta. Jornalismo interpretativo: Dossiê, perfil, enquête, cronologia. Jornalismo Utilitário: Indicador, cotação, roteiro, serviço. Jornalismo divisional: História de interesse humano e história colorida.



Embora a população viva em um período de globalização, onde a informação está voltada ao homogêneo, colocar uma lupa nas classificações dos gêneros jornalísticos, nos parece uma exceção necessária, para que nesse contrafluxo, passemos a entender que diante de um todo há pedaços com características particulares e formas singulares de expressão de pensamento e ideias.

## **O GÊNERO INFORMATIVO**

No jornalismo, as mudanças socioeconômicas foram responsáveis pela reestruturação das bases de conteúdo jornalístico. De uma estrutura opinativa/informativa, nasceu duas maneiras de estruturar a mensagem jornalística: opinião e informação se complementam e deixam de ser a única maneira de desenhar a informação jornalística. É o que relata Marques de Melo (2010) quando trata da formação e fundamentação de uma linha de construção histórica do jornalismo.

Os processos regulares, contínuos e livres de informação e de opinião sobre a atualidade, como no jornalismo enquanto processo social, só se constitui com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura. O autor considera que devido á censura posterior, o jornalismo de informação é estimulado em detrimento da opinião. (Pena, 2008, p.47-48)

Nessas circunstâncias, a opinião estava acima do jornalismo informativo, com as relações sociais e com as metamorfoses sociopolíticas que tiveram grandes influências no gênero informativo. Nilson Lage (2001, p.30), com a Revolução Industrial, houve uma transformação significativa no pensamento da informação voltada à publicidade, incompreensível aos novos leitores. E a partir desse novo conceito, a informação passou não só ser uma extensão cultural, para se tornar de grande relevância na vida da população. A base na construção do gênero informativo é a objetividade, uma tentativa de excluir do conteúdo jornalístico o caráter subjetivo do relato; busca-se com a precisão, a tentativa, a aproximação da verdade do fato. Ser objetivo, no método jornalístico, é moldar de uma maneira que o objeto fique claro, simples, coeso, preciso, e relacionado ao fato ser noticioso, as técnicas fazem com que o jornalista se permita analisar o objeto com mais critérios.

O jornalismo informativo, em tese, buscar refletir o real. Daí o surgimento de uma das teorias mais fortes e controversias do jornalismo, a do espelho. Ela entende a produção do conteúdo jornalístico como um “simples”, objetivo, reflexo escrito do fato,



com elementos principais, cor e luz necessários para torná-lo o mais parecido com seu “criador”, real. Para Kovach e Rosenstiel (2003 apud Marques, 2008, p. 49) a objetividade não se pode ser compreendida como semelhante à neutralidade, e que para o conceito não ser dissipado, muitos jornalistas questionavam o método consistente de testar a informação. Muitos autores explicam que o conceito surgiu na época em que pactuava a técnica conhecida como “técnica da pirâmide invertida”, na qual o jornalista aborda os fatos com maior ou menor relevância.

## **GÊNERO OPINATIVO**

A opinião é um fator de relevância para a sociedade. É com ela que o cidadão pode potencializar suas bases argumentativas para reivindicar ou simplesmente expressar o seu ponto de vista sobre um assunto determinado. O jornalista goza a opinião, porém esse mecanismo está direcionado especificamente ao interesse coletivo. A sociedade vive em um meio opinativo, neste contexto o indivíduo precisa ratificar e estabelecer uma base para emitir uma opinião, por isso é necessário que ele tenha um apanhado de outras mentalidades e pensamentos para concretizar ou firmar o ponto de vista. O ser humano tem a necessidade de ouvir, ele vive em conjunto, onde a troca de diálogo é fundamental e essencial na formação de um senso crítico. Tendo em vista que o homem é um executor opinativo, neste mesmo aspecto, o jornalismo se apropria dessa categoria para desenvolver habilidades e expressar o seu entendimento sobre algum tema destinado aos leitores.

Para Beltrão (1980), dar a opinião não é apenas um espaço que o jornalista tem direito, mas sim, é um papel de dever para a sociedade. E é atribuição dele captar, em qualquer ambiente, aquele objeto de relevância sobre a qual a população exige um conceito ou uma definição. Sendo assim, obtendo o papel de tradutor entre o emissor, uma notícia técnica, e o receptor, a comunidade. Na visão de Beltrão, o gênero opinativo se divide em três grupos, a primeira é de editor, que é a visão que se dar em um específico problema ou acontecimento, a segunda do jornalista, faz um equilíbrio entre a política da empresa (editorial) com a opinião de interesse público (opinião pública) e a terceira é a opinião do receptor (leitor ou telespectador), que apresenta suas opiniões através de entrevistas (fala-povo), em declarações oficiais de grupos, em cartas



ou e-mail que escreve para a empresa de comunicação, e nas próprias matérias que são veiculadas como objeto de notícia.

Para Marques de Melo (2003), o jornalismo opinativo é diferente do jornalismo informativo, que nesse contexto a opinião e a informação se divergem entre eles, não são aglutinadas, mas sim separadas. E para o autor a opinião é entendida como direção ideológica, se reduzisse aos gêneros jornalísticos. A opinião sempre esteve entrelaçada com o cotidiano da sociedade, e no jornalismo, é da mesma forma, pois visa tanto a opinião da empresa, com suas editorias, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e junto com a opinião da população como, cartas, comentários. Demonstrando que essa categoria é um elemento funcional e importante, para políticas sociais e públicas, que possam estabelecer uma função corporativa para a sociedade de uma maneira em geral.

## **GÊNERO INTERPRETATIVO**

A interpretação entra como um viés de aprofundamento para se estabelecer uma mesa de debate na sociedade. Ela abarca ou supri a necessidade de ter uma informação mais ampla e pluralizada. Diferente do gênero informativo que perpassa de um tempo limitado e fracionado. O gênero interpretativo vem para agregar os conhecimentos e estabelecer maiores condições para que o leitor compreenda a informação de maneira amplificada. Trazendo uma possibilidade de discussão para o público do jornal. Essa categoria enfatiza ao jornalista exercer uma maior absorção de nutrientes informativos.

Neste caso, faz com que o leitor/público alimente de mecanismos reflexivos que gerem um pensamento crítico sobre determinado assunto. Outro ponto sobre esse gênero é a dedicação e uma investigação minuciosa sobre o fato, pois neste aspecto, o que for reportado não pode deixar a população com dúvidas ou ruídos, por isso que o jornalista precisa dedicar de mais tempo para explorar e mergulhar nos detalhes na hora que ele for apurar, selecionar e redigir a matéria.

Para Marx, interpretar é como o decifrar a essência encoberta pela aparência; para Freud, trata-se da ressignificação dos signos (MEDINA, 2003, p.125.). Nesse contexto, tanto para Marx e Freud, existe na interpretação uma característica peculiar de desvendar ou de esmiuçar os significados. Para Medina (1988), o gênero interpretativo se interliga com os acontecimentos do incidente. Nesse mesmo sentido, o autor Marques



de Melo (DIAS et al, 1998) conceitua essa categoria, no termino da década de 1990, como “um maneira de aprofundamento das informações”, tendo a finalidade de “fazer relação da informação atual com o seu contexto espacial e temporal. Assim se relaciona como o jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional (ERBOLATO,1991, P.31, grifo no original apud. JOSÉ; ASSIS, 2010 p.109). Ratificando a informação e dando ao leitor uma oportunidade de se aprofundar a informação.

Para o autor Marques de Melo (2003), estabelece uma autonomia entre os gêneros interpretativos e diversional, a forma e estrutura do gênero interpretativo tem um balanço entre o estilo informativo e opinativo, para Marques de Melo, a categoria informativa se associa no gênero interpretativo. Porém, para Beltrão (1980), o autor não analisa da mesma forma que Marques de Melo, Beltrão tem uma linha de olhar que a interpretação é diretamente ligada a opinião do leitor e não do jornalista. Como por exemplo, segundo ele, a enquete expressa indubitavelmente uma postura do leitor em um específico assunto, refletido o ponto de vista de cada leitor. Concluimos, que a configuração demonstrada aos gêneros interpretativos ainda tem uma escassez de autonomia, embora tenha uma relevância no jornalismo imprenso.

## **GÊNERO UTILITÁRIO**

O gênero utilitário traz um elemento primordial para a sociedade: a informação rápida em forma de serviço. Essa categoria faz jus ao jornalismo intitulado prestador de serviços, direcionando e informando aos interesses sociais. Essa categoria é um instrumento a favor da sociedade, embora que os outros gêneros são também ferramentas para a população, o gênero utilitário tem uma característica acentuada dos outros, pois na realidade é um caminho para o leitor receber uma assistência social. Dando o acesso á população sobre assuntos como saúde, lazer, cultura, negócios, educação entre várias vertentes que possam beneficiá-los.

O gênero utilitário possui características próprias que o coloca como um gênero independente. Esse jornalismo utilitário leva ao receptor a informação que ele necessita de imediato ou que pode necessitar em algum momento. Essa informação o ajuda a tomar decisões que podem influenciar em suas ações cotidianas. Dessa forma, o jornalismo utilitário não se insere nas classificações



---

dos gêneros jornalísticos hegemônicos: opinativo e informativo. (MARQUES DE MELO, 2003, P.125).

Segundo Marques de Melo, o gênero tem início no século XX e se relaciona com a população consumidora e que esse gênero não se delimita apenas a um gênero informa ou que apenas opina, mas sim uma categoria que se expressa uma utilidade a sociedade. Para Luiz Beltrão (1969), jornalismo impresso dado como serviços/ utilitário consta, avisos diversos (plantão de farmácias, perdidos e achados, pauta de pagamentos, cotações de câmbio, convites para reuniões de entidades diversas); informações úteis (telefones de urgência, horário de transporte coletivo, conselhos de saúde, relações de endereços etc); e cartaz do dia (programas das casas de espetáculos – cinemas, teatros, exposições, conferências, comícios, festas). (VAZ, 2001)

Chaparro faz essa relação no conceito desse gênero, buscando um foco fundamental para os serviços encontrados nos jornais.

A incapacidade de classificar as espécies utilitárias, aquilo a que vulgarmente se chama “serviço”, até agora tratadas como simples tendência ou curiosidade. Entretanto, a significação da participação dessas espécies nos espaços pelos conteúdos jornalísticos impõe a sua caracterização enquanto manifestação discursiva. São formas adequadas de mediação para solicitações concretas da vida urbana, nos planos do negócio, da cultura, do consumo, do lazer, do acesso a bens e serviços, na ordenação de preferências e movimentos, nas estratégias e táticas da sobrevivência. As espécies utilitárias deixaram de ser manifestações secundárias no relato da actualidade. Por isso, há que entendê-las e classificá-las enquanto formas do discurso, no jornalismo. (CHAPARRO, 1998, p. 115-116)

Portanto, essa categoria se estabelece a cada dia com as novas e antigas mídias, tendo um papel fundamental na participação de um feedback e uma forma de manter um serviço útil para sociedade, refletindo como um foco necessário para uma prestação de serviço estabelecido pelo jornal. Para os autores a utilidade tem um papel de significância para o jornalismo, que por meio dela, a sociedade poderá se informar e ajudar de alguma forma a esclarecer algum fato ou serviço dado por qualquer evento.

## **GÊNERO DIVERSIONAL**

O gênero diversional tem uma peculiaridade de aproximar o leitor do jornalismo à estrutura narrativa literária, esse mecanismo se concede pela identificação na narrativa, esse modo acarreta um reconhecimento ou como um espelho do contexto pessoal e social desse leitor, levando com que esse indivíduo se envolva e absolva de





maneira leve o texto, gerando uma compreensão acessível. Neste caso, o jornalismo se embasa nos artifícios do discurso literário para realizar um elo entre o leitor e o fato. Essa categoria foca o envolvimento da vida do personagem ou do fato, nesta angulação, faz com que o público se interesse pela história e se reconheça dentro do contexto exposto pelo jornalista. O jornalismo diversional aparente se correlaciona com as expressões de entretenimento e diversão, porém no Brasil está associado a literatura. Nesse contexto, trata-se de um conteúdo com informação, mas voltadas as características literárias. Segundo José Marques de Melo:

A “diversão” se tratava de um “mero” recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e o seu público e não transcende a descrição da realidade, apesar das formas que sugerem sua dimensão imaginário (MARQUES DE MELO, 2003, P.64)

Para Luiz Beltrão, diversão no sentido do gênero jornalístico, não se trata de marcas ficcionais, fantasiosos e entretenimento, mas sim oferece a sociedade um caráter peculiar de uma informação com a leveza literária. Além dessa informação o leitor sente mas livre e leve ao ler esse tipo de gênero, pois se interagem com formatos e plataformas que o leitor possa se emocionar, elucidar e sentir algum tipo de sensação, esse são os características dessa categoria do jornalismo. Em suma, o autor esclarece que o gênero diversional é um formato de informação, mas com um viés e um olhar literário, possibilitando uma peculiaridade literária.

A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim, da padronização da informação de atualidade dentro da indústria cultural, foram relegadas a segundo plano, quando não completamente abandonadas. [...] O interesse do leitor por essas produções jornalísticas está menos na informação em si, ou seja, na essência do fato narrado, do que nos ingredientes de estilo a que recorrem seus redatores despertando o prazer estético, em suma, divertindo, entretendo, agradando. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 34).

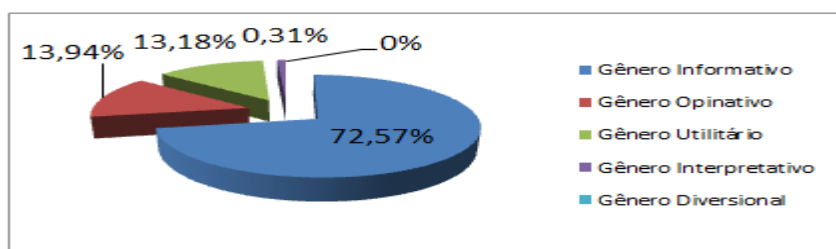
Nesse contexto, as formatações dos textos diversionais, não estão primadas nas estruturas dos textos dos gêneros jornalísticos, e sim interligadas ao estilo de narrativas dos textos literários. Fazendo com que essa estética seja de uma maneira que o leitor possa apreciar e se agradar com essa estruturação sem o intermédio do padrão da

categoria informativa. Para a ABJL<sup>4</sup>, o jornalismo diversional/literário é um tipo “prática de reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizados recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”. (CONCEITOS, 2007, on-line). Segundo essa associação, o gênero diversional é sinônimo de jornalismo narrativo, literatura da realidade, narrativas de transformação, ensaios pessoais, novo jornalismo, jornalismo gonzo, história de vida, escrita total e jornada do herói (MARQUE DE MELO, 2010, p. 74).

### OS GÊNEROS NO JORNAL CORREIO DA PARAÍBA<sup>5</sup>

Analisamos o Jornal Correio da Paraíba no período entre os dias 1 a 8 de Outubro de 2012, nas prévias das eleições municipais, observamos os aspectos dos gêneros jornalísticos aplicados nesse determinado tempo. Percebemos que no período das eleições, os veículos de comunicação dão um enfoque especial à política. Quanto aos gêneros jornalísticos classificados, observa-se que o jornal publica quase todos os gêneros relacionados na pesquisa, apenas não constatamos o gênero diversional. O gênero informativo é predominante, com 72,57% das matérias computadas, seguindo do gênero opinativo com 13,94% do total. O jornalismo utilitário aparece com 13,18%. Distantes desse percentual ficaram os gêneros interpretativos (0,31%) e diversional (0%) pouco praticados no jornal Correio da Paraíba no período da análise.

**Gráfico 1- Gêneros jornalísticos do Jornal Correio da Paraíba**



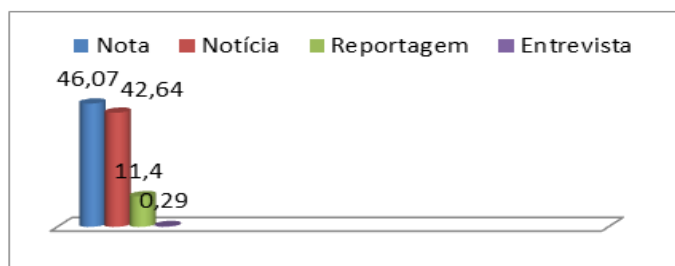
<sup>4</sup> Academia Brasileira de Jornalismo Literário

<sup>5</sup> O Jornal Correio da Paraíba, foi fundado por Teotônio Neto no dia 5 de Agosto de 1953, a primeira edição e distribuição aconteceu nas Festas das Neves em João Pessoa-PB, e quem intitulou o nome do jornal foi Acilino Leite, a primeira manchete do jornal foi sobre o assassinado do líder campinense Félix Araújo. Segundo dados fornecidos pelo Departamento de marketing do Sistema Correio, a circulação de exemplares no período de segunda a sexta são circulados 19.000 exemplares/dia, nos sábados são circulados 22.000 exemplares/dia e nos domingos são circulados 24.000 exemplares/dia.

Esses dados refletem no indício que o jornal mantém seu foco na informação e oferece um viés informativo, equilibrando com a leitura desse meio junto com o gênero opinativo, que se pode caracterizar-se com um rigor que se espera de um jornal impresso. E também dando ênfase no espaço do “jornalismo prestador de serviços”, evidenciando que o jornal cumpre seu papel, com a proposta de informar e orientar o leitor, seja para consumir de bens simbólicos, para o entretenimento e a cidadania por meio de textos relacionados ao gênero utilitário. Entre os formatos verificamos, a nota lidera a lista dos mais usados pelo veículo ao obter o percentual de 46,07% das 948 unidades de registradas na pesquisa. Em seguida, a notícia com ocorrência em torno de 42,64%, depois dela constatou que a reportagem obteve 11,4% e por final a entrevista com percentual abaixo com 0,29%.

Em relação à predominância da notícia e nota, os dados não se constituem uma grande surpresa por se tratar dos gêneros noticiosos mais usuais no jornalismo, dada a sua função no “relato integral” dos fatos analisados da realidade para a publicação. Vale destacar a nota. No jornal Correio da Paraíba, a nota se refere também a acontecimentos já foram eclodidos e tem a função como um relato noticioso sintético do fato, mas sem apreciar todos os elementos que forma a notícia.

## Gráfico 2- Gênero Informativo do Jornal Correio da Paraíba



No gênero opinativo, analisamos que teve maior predominância o artigo com 36,06% em seguida, a carta<sup>6</sup> com 22,72% depois, a crônica com 11,36% após dela vem a caricatura que atingiu 10,6% atrás dela a coluna com 9,9% em seguida a resenha com 5,1% depois o comentário que adquiriu 2,4% e por último o editorial com 0%, no jornal Correio da Paraíba não constatamos o editorial<sup>7</sup>, pois o local onde deveria localizar essa

<sup>6</sup> Espaço facultado aos cidadãos para que expressem seus pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção, Melo (p. 65)

<sup>7</sup> Expressão oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Porta-voz da instituição jornalística, Melo (p. 64).

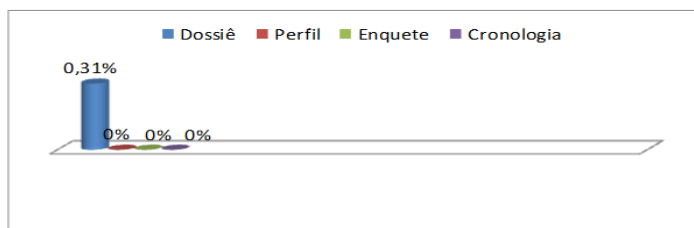
categoria está assinada pelo jornalista, dando a sua marca e não do veículo de comunicação. Mas a controvérsia nesse caso porque, quem assina, é o dono do jornal. O que de certa forma gera o entendimento de que ali também está a opinião de quem faz o peri

### Gráfico 3- Gênero Opinativo do Jornal Correio da Paraíba



No gênero interpretativo verificamos poucos deles, encontramos apenas o dossiê<sup>8</sup> que obteve 0,31%, que se aproxima mais com a reportagem aprofundada, não constatamos o perfil que é relato biográficos, não encontramos enquete que é o relato de narrativas ou pontos de cidadãos aleatoriamente escolhidos, também não constatamos a cronologia que são reconstituição do acontecimento de acordo com variáveis temporais (secular, anual, semanal, horária) destina-se a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor.

### Gráfico 4- Gênero Interpretativo do Jornal Correio da Paraíba

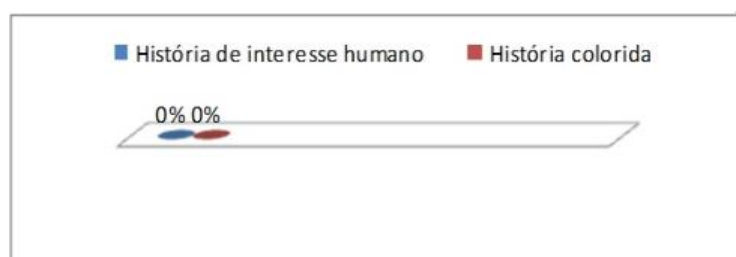


No entanto, o gênero diversional não foi encontrado no período da pesquisa. No Brasil é mais conhecido como jornalismo literário, é uma categoria que sem se afastar da trilha da informação, busca torná-la também enriquecida com recursos das narrativas de ficção. (MARQUES MELO, 2010). Em destaque a história de interesse humano que

<sup>8</sup> Mosaico destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos, condensação de dados sob a forma de “boxes”, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Trata-se de matéria destinada a complementar as narrativas principais de uma edição ou para celebrar efemeridade, Melo (p. 68).

são narrativas que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a elementos literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os “olimpianos”. Apesar desses elementos de ficção, os relatos devem primar da “verossimilhança” sob ameaça de perder a “credibilidade”. Destina-se a ocupar as lacunas ociosas dos aficionados por relatos jornalísticos. A história colorida, destaca-se pelos relatos de natureza diferentes, privilegiando tons e matrizes na reconstituição dos cenários noticiosos. O que se verifica é que as histórias de interesse humano e história colorida não são encontradas neste período da pesquisa no jornal, pois, acreditamos que, devido à rotina das empresas de comunicação em limitar o tempo e direcionar as notícias superficiais é um fator que desestimulam a execução desse gênero. Neste sentido esse tipo de reportagem mais aprofundado requerem um grau maior de apuração na elaboração do conteúdo.

#### **Gráfico 5 - Gênero Diversional do Jornal Correio da Paraíba**



Um dos focos relacionados ao gênero utilitário com maior predominância no Correio da Paraíba foi a categoria de indicador cumpre o papel de fornecer dados do cenário econômicos, meteorológicos, necrológico e com isso teve ressalva de 51,2% a maior parte dessa categoria se apresenta nos cadernos econômicos e de cidades, se apresentam na forma de tabelas e planilhas em destaque nos oito dias de análise do jornal. Em seguida com 36,8% serviços, que são informações destinadas a proteger os interesses dos leitores dos serviços públicos, bem como dos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados, após vem o roteiro que adquiriu 12,8% são dados indispensáveis ao consumo de bens simbólicos, e que no jornal se encontra na parte de programação de televisão e resumo de novelas, e por fim a cotação com 6,4% que são informações sobre a variação do mercado monetário.

#### **Gráfico 5 - Gênero Utilitário do Jornal Correio da Paraíba**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de consolidar a informação, a opinião e a interpretação em um texto, o agente jornalístico tem como elemento base a construção de um discurso que, independente do seu formato, produza efeitos de sentidos e motivações para reinterpretar o real. Descrever, narrar, expor ou valorar os fatos e episódios impõem formatar o conteúdo de produto jornalístico. Submetê-lo aos parâmetros plurais dos gêneros de texto presentes na construção social da realidade. O que constatamos nas análises foi a predominância do gênero informativo com 72,57% no Jornal Correio da Paraíba. O que nos parece fornecer ao leitor informações superficiais e resumidas. Sem se aprofundar numa apuração mais detalhada sobre as forças que geram o fato jornalístico cotidianamente. De certa maneira, vai de encontro às possibilidades mais amplas do jornalismo, que tem a finalidade base promover reflexão, ampliar significados, contextualizar os fatos, contribuir para formação de opinião para o público. Destacamos ainda a participação do gênero opinativo, que esteve presente em 13,94% do conteúdo jornalístico do Jornal Correio da Paraíba. Isso demonstra, mesmo com índice bem menor que o do jornalismo informativo, a força do juízo de valor de uma especialista ou jornalista; com espaço garantido para fazer do jornal palco de discussões e alicerce da retórica. E é nesse espaço que leitor e agente da informação divergem, compartilham da mesma ideia e dialogam para a consolidação de ideias e práticas sociais. Neste contexto, conectasse como aliado para o debate e na amplificação dos discursos no período das eleições. Os gêneros interpretativo e diversional não ocupam um meio representativo no período analisado. Vale ressaltar a relevância de continuar com as percepções sobre este assunto nos jornais, trazendo esses aspectos dessas divisões para análises do conteúdo jornalístico e na ampliação dos estudos e pesquisas voltadas para esse tema de representatividade no jornalismo paraibano.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. São Paulo: Sulina, 1976.



---

\_\_\_\_. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980

\_\_\_\_. **L. A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

CHAPARRO, M. C. C. . **Sotaques d'áquem e d'além mar - percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. 1. ed. Santarém - Portugal: Jortejo Edições, 1998.

DIAS, Paulo da Rocha ET AL. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”**. In.: Congresso Brasileiro e Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. Anais... São Paulo: Intercon, 1998. o. 1-23.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

ESPINOSA, Patora Moreno L. **Gêneros para La persuasión em presa: los editoriales Del diario El País**. Revista *Âmbitos*, n.9,2002. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latinas/ambitos/9/art12.htm>. Acesso em 6 jan.2007.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2 Ed, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Sulina, 1985.

\_\_\_\_. José; ASSIS, **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

\_\_\_\_. José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo, Summus, 1988.

VAZ, **Gênero Utilitário: Presença nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**. Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – 07 a 10 de maio de 2008.